

# NOTAS DE PAUL CELAN SOBRE JUDAÍSMO E POESIA

Juliana Pasquarelli PEREZ\*

- **RESUMO:** O artigo examina anotações e textos em prosa de Paul Celan nos quais o poeta se refere explicitamente ao judaísmo. São analisados textos em que se utilizam termos como *Jude*, *jüdisch*, ou expressões pejorativas e descrições físicas caricaturais, a fim de compreender as relações que estabelece entre o judaísmo e sua poetologia. A análise das reflexões de Celan permite afirmar que, para o autor, o “judaico” significa um *ethos* específico e descreve uma das condições de possibilidade da poesia.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Paul Celan. Judaísmo. Poetologia. Literatura de língua alemã.

## Uma obviedade

Em 1969, nos fragmentos restantes de uma entrevista concedida em Israel ao poeta Jehuda Amichai, Paul Celan (1920-1970) afirma:

Creio que posso lhe dizer que eu, com alguma obviedade, sou judeu. As perguntas sobre o judaico também sempre encontram esta obviedade.

Obviamente o judaico possui um aspecto **temático**. Mas penso que apenas o temático não é suficiente para definir o judaico. O judaico é, por assim dizer, uma questão de **pneuma**.<sup>1</sup> (CELAN, 2005, p. 17, grifo do autor).<sup>2</sup>

De toda a entrevista, realizada em 10 de outubro de 1969, restam apenas os fragmentos citados (CELAN, 2005, p. 943, nota 305), e não é mais possível saber como ou se Celan continua a desenvolver o tema naquela ocasião. Entretanto, o autor volta a tratar da identidade judaica em carta a Gershom Schockem, poucos

---

\* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Modernas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – julianaperez@usp.br

<sup>1</sup> “*Ich glaube Ihnen sagen zu dürfen, daß ich mit einiger Selbstverständlichkeit Jude bin. Die Fragen nach dem Jüdischen begegnen immer auch dieser Selbstverständlichkeit. Selbstverständlich hat das Jüdische einen thematischen Aspekt. Aber ich glaube, daß das Thematische allein nicht ausreicht, um das Jüdische zu definieren. Jüdisches ist sozusagen auch eine pneumatische Angelegenheit.*”

<sup>2</sup> Quando não houver indicações de autoria, as traduções dos textos em alemão foram feitas por mim.

meses depois.<sup>3</sup> A carta data de 5 de fevereiro de 1970 e apresenta quase os mesmos termos da entrevista:

[...] Shim Shalom foi muito gentil em citar uma ideia que eu havia expresso em uma conversa com ele – a ideia de que, para mim, o judaico, por vezes, não é tanto uma questão **de tema**, mas muito mais uma questão **de pneuma**. Não que eu não tenha articulado o judaico também de forma temática: ele também está presente nessa forma em cada um dos meus livros; meus poemas implicam meu judaísmo.<sup>4</sup> (SCHMUELI; SPARR, 2004, p. 91, grifo do autor).

O tema “*pneumatisches Judentum*”, um judaísmo de **espírito**, de **pneuma**, foi objeto de um estudo aprofundado escrito por Lydia Koelle em 1997. Koelle (1997) investiga sistematicamente as referências ao judaísmo presentes nos textos de Celan, considera também referências implícitas a leituras ou a concepções judaicas e destaca a relação intrínseca entre a poesia de Celan, o judaísmo e a Shoah. Outros estudos (KOELLE, 2001-2002; SCHULZE, 1993; GELLHAUS, 1993) apresentam de forma mais específica as leituras de pensadores e escritores judeus feitas por Celan em diferentes fases de sua vida.

Nos textos em que se refere diretamente ao tema, ou seja, em cartas, anotações e rascunhos para ensaios, Celan utiliza com maior frequência os termos *Jude* [judeu] e *Jüdisches* [judaico]; também pode ser observado um conjunto articulado de imagens que traduzem o problema do antissemitismo. Sua correspondência também documenta o contato direto com escritores judeus como Martin Buber, Nelly Sachs, Margarete Susman e Adorno. Não menos importante foi a viagem de Celan a Israel, feita alguns meses antes de seu suicídio. Koelle (1997, p. 65) afirma:

O confronto de Celan com o judaísmo configurou-se como um processo permanente de busca de identidade, em uma consciência sempre maior da continuidade em que ele se encontrava. Como para Margarete Susman, o judaísmo de Celan se expressa como um entrelaçamento complexo de leituras e conversas e, dessa forma, em um acesso individual à tradição judaica.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Gershom Schockem, filho de Salmam Schockem, editor do jornal israelense *Haaretz* (CELAN, 2005, p. 945, nota 305.1).

<sup>4</sup> “[...] *Shim Shalom war so freudlich, einen Gedanken zu zitieren, den ich im Gespräch mit ihm geäußert hatte – den Gedanken, nämlich dass für mich, zumal im Gedicht, das Jüdische mitunter nicht so sehr eine thematische als vielmehr eine pneumatische Angelegenheit sei. Nicht dass ich das Jüdische nicht auch thematische artikuliert hätte: auch in dieser Gestalt ist es gegenwärtig, in wohl jedem meiner Gedichtbände; meine Gedichte implizieren mein Judentum.*”

<sup>5</sup> “*Celans Auseinandersetzung mit dem Judentum gestaltete sich als lebenslanger Prozeß einer Identitätssuche, in einem sich steigernden Bewußtsein über die Kontinuität, in der er stand. Wie bei Margarete Susman, so äußert sich auch Celans Judentum als komplexe Vernetzung von Lektüren und Gesprächen und damit in einem individuellen Zugang zur jüdischen Tradition.*” (KOELLE, 1997, p. 65).

De fato, não seria possível refletir sobre sua poesia sem considerar judaísmo e Shoah; a relação é óbvia, como afirma o próprio autor. Mas a relação intrínseca entre a poesia de Celan e o judaísmo ainda não revela sua *forma*: a mera referência (explícita ou implícita) ao judaísmo não diz, por si mesma, como Celan compreende tais referências, que valor atribui à tradição judaica, nem o que pensa dos autores lidos. É preciso, assim, descrever a configuração específica que Celan concede ao “judaico” em seus escritos e relacioná-lo à sua reflexão poetológica.

Essa reflexão concentra-se em anotações de Celan feitas no contexto do discurso *O meridiano* e cartas redigidas no período de escrita de *Die Niemandrose*, ou seja, entre 1959 e 1963. A hipótese deste breve estudo é a de que, para Celan, o **judaico** significa um *ethos* específico e descreve uma das condições de possibilidade de sua poesia.

## Origem por um fio

Antes de analisar as anotações de 1959 e 1960, recorde-se um breve trecho do discurso de Celan pelo recebimento do *Bremer-Literaturpreis*, em 1958, em que ele se refere à região da Bucovina, hoje no território da Ucrânia, no qual se encontra a cidade de Czernowitz. Diz Celan:

A região de onde venho – e por que desvios! mas existe tal coisa, desvios? –, essa região de onde venho ter convosco é provavelmente desconhecida para a maior parte dos presentes. É a região onde tem origem uma parte não insignificante daquelas histórias hassídicas que Martin Buber nos voltou a contar a todos em alemão. Era – se me é dado completar de alguma forma este esboço topográfico que, de muito longe, agora revejo –, era uma terra onde viviam homens e livros.<sup>6</sup> (CELAN, 1996, p. 31 et seq.).

A passagem interessa por revelar que a relação de Celan com a tradição judaica, após sua fuga de Czernowitz para Bucareste e de lá para Viena – e sobretudo após a Shoah –, tornara-se uma relação quase estritamente literária. É, pois, a relação com algo perdido que, talvez, seja recuperável pela língua alemã e pelos textos.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> “*Die Landschaft, aus der ich – auf welche Umwegen! aber gibt es das denn: Umwege? –, die Landschaft, aus der ich zu Ihnen komme, dürfte den meisten von Ihnen unbekannt sein. Es ist die Landschaft, in der ein nicht unbeträchtlicher Teil jener chassidischen Geschichten zu Hause war, die Martin Buber uns allen auf Deutsch wieder erzählt hat. Es war, wenn ich diese topographische Skizze noch um einiges ergänzen darf, das mir, von sehr weit her, jetzt vor Augen tritt, – es war eine Gegend, in der Menschen und Bücher lebten.*” (CELAN, 1983, p. 185). A tradução utilizada na citação é a da edição portuguesa (CELAN, 1996).

<sup>7</sup> Tal experiência confirma-se pelas pesquisas na biblioteca de Celan, que apontam um estudo intenso de obras sobre religião e filosofia judaicas a partir dos anos 1950. Quanto a Buber, as leituras de Celan são feitas com maior sistematicidade a partir de 1954 (cf. PAUL ANTSCHEL/PAUL CELAN IN CZERNOWITZ, 2001, p. 121).

A mesma paisagem ausente retornará no ensaio *Der Meridian (O meridiano)* (CELAN, 1999, 1996): quase ao final de seu discurso, Celan afirma procurar por sua terra natal em um *Kinderlandkarte*, um mapa para crianças, e encontra um fator a unir autores e outras pessoas de diferentes épocas e regiões:

Procuo a região de onde vêm Reinhold Lenz e Karl Emil Franzos, que encontrei no caminho para aqui, na obra de Georg Büchner. E procuro também, já que estou de volta ao lugar de onde parti, o lugar das minhas próprias origens.

Procuo tudo isso no mapa, com um dedo um tanto impreciso, porque inquieto – num mapa para crianças, como tenho que confessar desde já.

Não se encontra nenhum desses lugares, eles não existem, mas eu sei, sobretudo agora sei, onde eles deviam estar, e... encontro alguma coisa!

Minhas Senhoras e meus Senhores: encontro alguma coisa que me consola um pouco por, na vossa presença, ter percorrido este caminho do impossível, este impossível caminho.

Encontro aquilo que une e como que conduz o poema ao encontro.

Encontro qualquer coisa – como a linguagem – de imaterial, mas terreno, planetário, de forma circular, que regressa a si mesma depois de passar por ambos os pólos e – coisa divertida! – cruzar os trópicos: encontro um **Meridiano**.<sup>8</sup> (CELAN, 1996, p. 62 et seq., grifo do autor).

No contexto do discurso, é possível afirmar que o **meridiano** é uma linha que une escritores que dedicaram real atenção ao humano, o que na linguagem de Celan significa os escritores que não construíram uma abstração do humano, mas escolheram o olhar para a pessoa real, na sua limitação e efemeridade.

A relação de Celan com o judaísmo parece se dar, em um primeiro momento, como ligação com um espaço irremedialmente perdido e como tentativa quase desesperada de criação ou reencontro de um lugar habitável na literatura. Não se trata da nostalgia de retorno a uma cidade – o trecho citado o afirma claramente, nenhum desses lugares existe, tal caminho é impossível. Trata-se, antes, da busca

---

<sup>8</sup> “*Ich suche die Gegend, aus der Reinhold Lenz und Karl Emil Franzos, die mir auf dem Weg hierher und bei Georg Büchner begegneten, kommen. Ich suche auch, denn ich bin wieder da, wo ich begonnen habe, den Ort meiner eigenen Herkunft. Ich suche das alles mit wohl sehr ungenauem, weil unruhigem Finger auf der Landkarte – auf einer Kinder-Landkarte, wie ich gleich gestehen muß. Keiner dieser Orte ist zu finden, es gibt sie nicht, aber ich weiß, wo es sie, zumal jetzt, geben müßte, und... ich finde etwas! Meine Damen und Herren, ich finde etwas, das mich auch ein wenig darüber hinwegtröstet, in Ihrer Gegenwart diesen unmöglichen Weg, diesen Weg des Unmöglichen gegangen zu sein. Ich finde das Verbindende und wie das Gedicht zur Begegnung Führende. Ich finde etwas – wie die Sprache – Immaterielles, aber Irdisches, Terrestrisches, etwas Kreisförmiges, über die beiden Pole in sich selbst Zurückkehrendes und dabei – heitererweise – sogar die Tropen Durchkreuzendes – : ich finde... einen Meridian.*” (CELAN, 1999, p. 12). A tradução citada é da edição portuguesa (CELAN, 1996).

por um ponto de identificação e pertencimento que se traduzirá como *ethos*, uma vez que, após a Shoah, não pode mais existir como comunidade.

A impossibilidade de retorno a um lugar concreto também pode ser vista na ironia do complicado título do único poema de Celan no qual a cidade de Czernowitz é citada: o poema foi intitulado “*Eine Gauner- und Ganovenweise/ gesungen zu Paris emprés Pontoise/ von Paul Celan/ aus Czernowitz bei Sadagora*” (CELAN, 2001, p. 31), que poderia ser traduzido como: “A melodia de um vigarista criminoso cantada em Paris, próxima a Pontoise, por Paul Celan de Czernowitz, próxima a Sadagora”. Talvez em português não fique tão clara a hierarquia topográfica criada pelas preposições do original: ao relacionar Pontoise e Czernowitz a Paris e Sadagora, respectivamente, Celan dá às pequenas cidades o *status* de referência. Não cabe aqui analisar o poema, que é um dos mais complexos do livro *A rosa de ninguém* [*Die Niemandrose*], escrito entre 1959 e 1963.<sup>9</sup> O que importa ressaltar é que a menção da cidade natal acontece de forma irônica – o judeu que é o eu-lírico do poema assume o papel do vigarista criminoso e, por isso, sua canção é quase enlouquecida.

A menção a Czernowitz em um contexto sarcástico revela outro aspecto da relação de Celan com o judaico: para estabelecer uma relação com o ausente e defender o que foi exterminado pelo nazismo, Celan assume de forma provocativa todos os estereótipos negativos utilizados pela ideologia nacional-socialista para discriminar os judeus e justificar seu extermínio. Uma das imagens recorrentes nos textos de Celan, por exemplo, é o nariz adunco, desenhado de forma caricatural e pejorativa nas propagandas nazistas como característica dos judeus e suposta prova de sua feiúra física e moral. Em “*Eine Gauner und Ganowenweise*”, o eu-lírico diz: “Adunco, assim será o meu nariz./Nariz” (“*Krumm, so wird meine Nase./Nase*”) (CELAN, 2001, p. 31). Czernowitz é assim diretamente relacionada às vítimas do nazismo.

Sobre esse poema, Franz Wurm relata, em carta a Celan, que a leitura dos versos acima o fez recordar de um episódio de infância em que uma mulher, em um restaurante francês, destratou seu pai por causa de seu perfil (CELAN, 1995, p. 10). Paul Celan responde a Wurm com as seguintes palavras, em junho de 1963:

Que “Gauner- und Ganovenweise” tenha provocado no senhor essa lembrança de infância fez-me reconhecer mais uma vez o quanto somos devedores de todas as coisas e experiências dos nossos primeiros anos quando tentamos escrever poemas; a “aduncidade do nariz” representa, o senhor o viu perfeitamente, aquele particular, pessoal e individual – vitalício! – que também permanece inscrito em toda poesia, e que se procura, neste tempo aparentemente tão “lírico”, denunciar como mentira.

<sup>9</sup> Pude analisar vários poemas de *Die Niemandrose* no livro *Offene Gedichte* (PEREZ, 2010).

Há um ódio profundo e radical contra a poesia – como há um ódio profundo e radical contra o judaico: “novo” ou “atual” é apenas que as “filo-variantes” – *sit venia verbo* – proliferem. Talvez fosse bom que não se dissesse mais nada sobre os judeus por algum tempo – e também sobre a lírica. Mas isso são, eu sei, abreviações.<sup>10</sup> (CELAN, 1995, p. 12 et seq.).

Paul Celan relaciona aqui três aspectos que esclarecem sua concepção do **judaico**: i) uma característica física, o nariz aquilino, utilizada pelo nazismo como supostamente judaica e supostamente ruim, para depreciação dos judeus, torna-se sinal de algo particular, inalienável, pessoal; ii) o particular, o pessoal, estritamente individual se inscreve na poesia; iii) o ódio dirigido a essa poesia marcada pela experiência pessoal é o mesmo ódio dirigido ao judaico; o ódio, porém, oculta-se em uma aparente simpatia ao judaísmo.

Entre 1959 e 1960, a poesia de Celan configura-se paulatinamente contra o ódio ao judaico, à poesia e ao “particular, pessoal e individual – vitalício”. Os poemas de *A rosa de ninguém* e os textos escritos nesse período são, nesse sentido, passos de uma homenagem poética ao que está ameaçado de destruição e de uma abertura radical à presença humana (PEREZ, 2010).

### Deformações, olhos amendoados e conversões

Se um primeiro aspecto da relação com a ausência, nos textos de Celan, é a nostalgia e a conseqüente tentativa de restaurar um lugar de memória no interior da linguagem, um segundo aspecto da relação do poeta com o judaísmo é a memória explícita das vítimas. Para tanto, como se viu na carta a Franz Wurm, Paul Celan reitera de forma provocativa o que parecia desprezível para o contexto discursivo da época e se utiliza do mesmo vocabulário para defender os desprezados.

Em diversas anotações para o discurso *O meridiano*, para se referir às vítimas dos campos de concentração, Celan utiliza, além de *krummnasig* [narigudo, de nariz adunco], a palavra *Kielkropf*, que era utilizada para designar uma criança com má-formação congênita; em lendas antigas, poderia se tratar de uma criança tão estranhamente deformada que seria filha de um demônio.<sup>11</sup> A imagem é contraposta,

<sup>10</sup> “*Daß die ‚Gauerner- und Ganovenweise‘ bei Ihnen diese Kindheitserinnerung auslösen konnte, ließ mich ein weiteres Mal erkennen, wie sehr wir alle den Dingen und Erlebnissen unserer frühesten Zeit verpflichtet bleiben, wenn wir Gedichte zu schreiben versuchen; die ‚Krummnasigkeit‘ steht, Sie haben es durchaus richtig gesehen, für jenes Partikuläre, Persönliche und – lebenslänglich! – Individuelle, das auch aller Poesie eingeschrieben bleibt, und das man in dieser nur dem Anschein nach so ‚lyrischen‘ Zeit immer wieder Lügen zu strafen versucht. Es gibt einen tiefwurzelnden Haß auf die Poesie – wie es einen tiefwurzelnden Haß auf das Jüdische gibt: ‚neu‘ bzw. aktuell ist nur, daß die ‚Philo-Varianten‘- sit venia verbo – grassieren. Vielleicht wäre es gut, wenn eine Zeitlang von den Juden geschwiegen würde – und auch von der Lyrik. – Aber das sind, ich weiß es, Abkürzungen.“*

<sup>11</sup> “*Der Kielkropf ist ein schwächliches Wesen, das vielleicht von Elementen erzeugt wurde, jedenfalls*

porém, a uma imagem positiva dos judeus – a da bela judia de belos olhos amendoados – que, para Celan, poderia até comover, mas não banir o preconceito impregnado na cultura da época.

Quem só está disposto a chorar lágrimas póstumas pela bela-de-olhos-amendoados também a mata, a bela-de-olhos-amendoados, mais uma vez. Os [asfixiados] de nariz adunco, os deformados, os moradores das vielas judias fétidas, os judeus pobretões-falastrões – é exatamente a estes que o poema reverencia – o Cântico dos Cânticos.<sup>12</sup> (CELAN, 1999, p. 127, nota 397).

A homenagem de Celan dirige-se a pessoas “não ideais”, a seres humanos aos quais são atribuídos defeitos, deformações, odores; aos “Mauschel”, designação pejorativa para os judeus pobres. Em outra anotação, Celan (1999, p. 130, nota 412) escreverá novamente: “O de nariz adunco. O de linguagem adunca. O deformado” (“*Das Krummnasige. Krummsprachige. Kielkröpfige*”), criando uma ligação imediata entre a reflexão sobre o judaico e a reflexão sobre a linguagem. A criatura indesejada é justamente aquela que deve ser defendida a todo custo; Celan inverte a violência dos discursos contra os judeus em defesa dos judeus.

Mas a quem se dirige a ironia com relação à “bela-de-olhos-amendoados”? Celan refere-se, nessa e em outras anotações, ao estrondoso sucesso que o livro *O diário de Anne Frank* obteve nos anos 1950. Para Celan, em vez de conscientizar os leitores do extermínio operado pelo nazismo, o livro provocava apenas uma espécie de catarse que aliviava consciências culpadas sem levá-las a nenhum tipo de reflexão ou mudança com respeito às causas que possibilitaram a perseguição aos judeus. Em outra anotação, Celan escreve:

Ira dos não judeus, quando você, como judeu, utiliza a palavra “judeu”: isso eles também consideram privilégio deles. E privilégios – isso só **eles** querem

---

*nicht in der Kette der menschlichen Generationen steht und daraus im vollen Sinne seine ‚Seele‘ gewinnt. ‚Halbschürig‘ wird der Kielkropf deshalb genannt. Die Schafe werden zweimal im Jahr geschoren; die erste Schur erbringt nur kurze und wenig feine Wolle. So ist das Halbschürige das Schwächliche, unvollkommen Ausgewachsene. Der Kielkropf bringt es nicht zu vollem menschlichen Leben; doch wurde er nicht von Elementen erzeugt, sondern im kotigen Stiefel des Kriegsknechts geboren – in der Unordnung und dem Elend, den Härten und Nöten von Krieg, Unterdrückung und Gewalt. Doch gerade mit dieser Geburt ist der Kielkropf der Bruder des einen, der vor der Tür der Dichter stand. Er ist ‚der mit dem blutigen Gottesgemächt‘. ‚Gemächt‘ ist ein altes Wort für das Geschlechtsglied, und so ist der Kielkropf ein beschnittener, Gott geweihter Jude. Damit ist er das ‚schilpende Menschlein‘ – jemand, auf den Spott und Verachtung herabsehen, der selber wie die Spatzen schilpt und so das Hadern Hiobs mit Gott fortsetzt.” (PÖGgeler, 1986, p. 343-344).*

<sup>12</sup> “*Wer nur der Mandeläugig-Schönen die Träne nachzuweinen bereit ist, der tötet auch sie, die Mandeläugige-Schöne, zum andern Mal. Den [Vergasteten] Krummnasigen, Kielkröpfigen, den Einwohnern der stinkenden Judengasse, den Mauschel-Mäulern – ihrer gedenkt gerade das Gedicht – das Hohe Lied.*”



ter a perdoar. *En tant qu'affranchi par eux, tu auras le droit de t'appeler libre.* Judeus “emancipados” e “avançados” pagam este preço – vergonhoso.

Direitos prévios não são os átrios do direito, são os muros à sua frente.

O horror do ocorrido não fica claro no destino da bela mocinha judia que escreve seu diário. O judeu corcunda, gago, manco, que foi morto com gás – **ele** é a vítima. Ele, o judeu, é o seu irmão – reconheça-o e se converta – a si mesmo, corcunda, gago, manco – você, criatura real!<sup>13</sup> (CELAN, 2005, p. 34-46, grifo do autor).

Evidentemente Celan não se coloca contra Anne Frank, mas contra a idealização das vítimas; vítimas reais não causariam nem piedade nem comoção, mas repulsa e rejeição. Celan desafia a si mesmo, como desafia a outros judeus, como desafia os não judeus a reconhecerem nas vítimas reais o irmão, tão feio, pequeno e frágil como a própria pessoa. Não por acaso, Celan (1999, p. 130, nota 411) fala várias vezes em “conversão”, uma conversão ao humano que funda sua concepção de poesia: a veneração da criatura será o caminho para o poema: “Veneração diante do mistério da criatura de nariz adunco – este é um caminho para o poema” (“*Ehrfurcht vor dem Geheimnis der krummnasigen Kreatur – das ist ein Weg zum Gedicht*”).

No mesmo sentido, Celan escreve, provavelmente em 1961, outra anotação em que as “pausas” do poema tornam-se o espaço da memória das vítimas:

Ricerca –

A sua conversão – o que é isso? É a palavra sobre a bela-de-olhos-amendoados que – oportunamente variada – que ouço você repetir? Somente após você ter estado com a sua dor mais estritamente sua com os mortos de nariz adunco, pobres, deformados, de Auschwitz e de Treblinka e de outros lugares, só então você encontra o olho e sua amêndoa. E então você está com o seu pensamento emudecente na pausa, que se recorda de seu coração, e não fala mais disso. E fala, depois, de **você**. [...] <sup>14</sup> (CELAN, 1999, p. 127, nota 394, grifo do autor).

<sup>13</sup> “*Zorn des Nichtjuden, wenn du als Jude das Wort ‚Jud‘ gebrauchst: auch das betrachten sie als ihr Privileg. Und Privilegien, – das wollen nur sie zu vergeben haben. En tant qu'affranchi par eux, tu auras le droit de t'appeler libre. ‚Emanzipierte‘ und ‚fortgeschrittene‘ Juden zahlen diesen – schändlichen – Preis. Vorrechte sind nicht die Vorhöfe des Rechtes; es sind die Mauern davor. Nicht am dem Schicksal des tagebuchführenden schönen Judenmädchens wird das Ungerheuerlich des Geschehenen deutlich. Der bucklige, stotternde, hinkende Jude, der vergast wurde – er ist das Opfer. Er, der Jud, ist dein Bruder – nimm ihn wahr und kehre um – zu dir, du buckelige, stotternde, hinkende – du königliche Kreatur!*”

<sup>14</sup> “*Ricerca--- Deine Umkehr – was ist das? Ist es das Wort von der Mandeläugigen-Schönen, das ich dich, auf das opportuniste variiert, wiederholen höre? Erst wenn du mit deinem allereigensten Schmerz bei den krummnasigen und mauschelnden und kielkröpfigen Toten von Auschwitz und Treblinka und anderswo gewesen bist, dann begegnest du auch dem Aug und seiner Mandel. Und dann stehst du mit deinem verstummenden Denken in der Pause, die sich an dein Herz erinnert, und*



A conversão de que aqui se trata – e a pretensão ética relacionada à poesia – toca a linguagem, as palavras. Mas a advertência está orientada aqui ao próprio poeta, o “du” é a pessoa do escritor, que apenas dessa forma poderia escrever **após Auschwitz**. O ponto alto da poesia é a abertura à presença humana, que o poema não mimetiza nem atualiza, mas para a qual ele abre espaço.

## A figura do humano e a possível judaização

Afirmou-se que a relação de Celan com o judaico “ausente” configura-se na tentativa de criação de um espaço, no interior da linguagem, em que o judaico possa viver, e na recuperação sarcástica do vocabulário que justificou o extermínio das vítimas. Mas tal relação não é feita apenas de ausências – a língua, a memória e as pessoas precisam, para Celan, ser percebidas como *presentes* – e aqui talvez esteja sua exigência ética mais forte: a abertura a presenças humanas reais.

Também em 1961, Celan anota a ideia do judeu como uma *figura* do humano, que, não sendo percebida como **sujeito**, é reduzida a objeto e se torna “tema”, “assunto” de uma escrita mais uma vez violenta:

Até os “melhores” não querem perceber o judeu (que não é nada mais que uma figura do humano, mas ainda assim, uma **figura**) como pessoa, como sujeito: por isso eles o pervertem em objeto ou “tema”, *objet* – manipulável de uma forma ou de outra. Quem não tem mão mostra como se sai bem com a “pata”.<sup>15</sup> (CELAN, 2005, p. 31-46, grifo do autor).

As mesmas imagens serão utilizadas em uma carta a Peter Szondi, de 11 de junho de 1961,<sup>16</sup> e em carta a Bermann Fischer, em dezembro de 1963.<sup>17</sup> As imagens opostas da mão e da pata referem-se, metonimicamente, à atividade da escrita.

---

*sprichst nicht mehr davon. Und sprichst, [später], von dir. [...]*”

<sup>15</sup> “Noch die ‘Besten’ wollen den Juden (der ja nichts als eine Gestalt des Menschlichen, aber immerhin eine **Gestalt** ist), als Person, als Subjekt nicht wahrhaben: darum pervertieren sie ihm zum – so oder so manipulierbar – Objekt, zum ‘*objet*’. Wer keine Hand hat, der zeigt, wie gut er’s mit der ‘Klaue’ kann.”

<sup>16</sup> Carta de 11.8.1961. “Lieber Peter, Ich bin Ihnen keineswegs böse, meine Gefühle sind die alten, nur ist jetzt die schmerzliche Feststellung hinzugetreten, daß es gelingen konnte, Ihren Namen für die Zwecke dieses finsternen Döhl-Martini-Kasack-Elaborats zu mißbrauchen. [...] Sie sind, wie ich, Jude, und so kann ich hier über manches hinweggehen und, in diesem Zusammenhang, einen Gedanken äußern, der mir weiß Gott nicht frei in der Luft zu schweben scheint: noch von den ‘Besten’ wird der Jude – und das ist ja nichts als eine Gestalt des Menschlichen, aber immerhin eine Gestalt – nur allzu gerne als Subjekt aufgehoben und zum Objekt bzw. ‘*objet*’ pervertiert. Das mag in vielen Fällen eine unbewußte Zwangshandlung sein – wobei das außen – darunter auch von ‘Juden’ – Zudikierte natürlich eine Rolle spielt. Das Fatale ist, daß einige allen Ernstes und vielleicht sogar in aller Einfalt daran glauben, daß die ‘Klaue’ die Hand ersetzen kann.” (KÖNIG, 2003. p. 494 et seq.).

<sup>17</sup> “[...] an dem ‘Fall Paul Celan’ [sind] viele von den Dingen abzulesen, die die Entwicklung in

Para Celan, a escrita verdadeira, que conserva a própria dignidade humana (a “mão”), sem se deixar levar por um instinto de ódio animalesco (a “pata”), é a que não reduz o extermínio dos judeus a “tema” da poesia e a que se volta ao ser humano. No mesmo sentido, no período de redação de *Atemwende*, Celan (2005, p. 213) escreve:

Nenhum poema após Auschwitz (Adorno):

Que conceito de “poema” se subentende aqui? A arrogância daquele que se atreve a observar ou poetizar Auschwitz de forma hipotético-especulativa da perspectiva de um rouxinol ou de um tordo.<sup>18</sup>

Assim se evidencia o aspecto ético das reflexões de Celan. “Judaizar-se” – verbo também pejorativo no jargão nazista, pois implicava uma pesada “acusação” contra a Alemanha – significa, após as observações feitas, converter-se ao humano, abrir-se à pessoa concreta, como mostram três anotações de Celan de 18 de maio de 1960:

É possível tornar-se judeu, como é possível tornar-se humano; é possível judaizar-se e eu gostaria de acrescentar, por experiência: hoje, em alemão, de preferência.<sup>19</sup> (CELAN, 1999, p. 130, nota 415).

-i- Judaizar

É possível judaizar-se; isto é, porém, reconheço, difícil e – por que não reconhecê-lo também? – alguns judeus de nascença judaica já falharam; justamente por isso eu o considero recomendável.<sup>20</sup> (CELAN, 1999, p. 130, nota 417).

“Judaizar-se”, como se lê, indica uma **atitude** conscientemente assumida, não uma característica de nascença ou uma qualidade inalcançável; o contexto adverso, aliás, é considerado mais um impulso positivo para a busca de tal postura.

---

*Deutschland mitbestimmen – eine Entwicklung, die ich mit Besorgtheit verfolge. Dazu gehört, auf der ‘Linken’, ein gewisser ‘liberaler’ Antisemitismus, der es sich diesmal (auch diesmal!) nicht ohne Mithilfe von Juden bzw. ‘Juden’, zum Ziel gesetzt hat, das Jüdische – also eine Gestalt des Menschlichen, aber immerhin eine Gestalt! – auf dem Wege der Absorption, Bevormundung usw. zu beseitigen. Es ist – das Wort ist nicht zu stark – letzten Endes ein verkappter Arisierungsprozess [...]”* Carta a G. B. Fischer, do dia 14 de dezembro de 1963 (FISCHER; FISCHER, 1990, p. 641).

<sup>18</sup> “Kein Gedicht nach Auschwitz (Adorno): Was wird hier als Vorstellung vom ‘Gedicht’ unterstellt? Der Dünkel dessen, der sich untersteht hypothetisch-spekulativerweise Auschwitz aus der Nachtigallen- oder Singedrossel-Perspektive zu betrachten oder zu bedichten.”

<sup>19</sup> “Man kann zum Jude werden, wie man zum Menschen werden kann; man kann verjuden und ich möchte, aus Erfahrung, hinzufügen: auf deutsch heute wohl am besten.”

<sup>20</sup> “-i- Verjuden: Man kann verjuden; das ist zwar, zugegeben, schwer und ist, warum nicht auch das zugeben? – sogar schon manchem jüdisch geborenen Juden mißlungen; gerade deshalb halte ich das für empfehlenswert.”

Judaizar-se: É o tornar-se outro, defender o outro-e-seu-mistério.  
Amor pelo ser humano é algo diferente de filantropia –  
Conversão – para lá parece haver ruas de mão únicas demais –  
Trânsito da contramão e conversão são duas coisas diferentes, mas nas trilhas  
também parece haver pouca oportunidade para isso.<sup>21</sup> (CELAN, 1999, p. 131,  
nota 417).

Por fim, o escritor que se decide a defender o ser humano, torna-se o “judeu da literatura”:

[...] não na medida em que fala de escândalos, mas na medida em que, inabalavelmente, permanece si mesmo, o poema se torna escândalo – torna-se o judeu da literatura. – O poeta é o judeu da literatura – é possível judaizar-se; acontece raramente, porém às vezes acontece sim. Considero a judaização recomendável – aduncidade do nariz purifica a alma. Judaização, isso me parece ser o caminho para a compreensão da poesia, não apenas da exotérica.<sup>22</sup> (CELAN, 1999, p. 131, nota 418).

O judaísmo de Celan encontra-se assim na linguagem que se abre e preserva a presença do ser humano concreto. A experiência de perseguição cria um novo lugar para seu judaísmo: o espaço de uma linguagem verdadeira, que afirma o humano até as últimas consequências e assim resiste à destruição. “Meu judaísmo: o que eu ainda reconheço dentro dos escombros da minha existência” (“*Mon judaïsme: ce que je reconnais encore dans le débris de mon existence*”) (CELAN, 2005, p. 126, nota 229).

PEREZ, J. P. *Celans notes on judaism and poetry*. **Itinerários**, Araraquara, n. 39, p.89-101, jul./dez., 2014.

■ **ABSTRACT:** *This article examines Celan's notes and other texts, in which the author refers explicitly to Judaism. Terms like Jude, jüdisch, or pejoratives and caricatured physical descriptions are analyzed, in order to understand what the relations between Celan's judaism and his poetological reflection are. The analysis of Celan's ideas*

<sup>21</sup> “*Verjuden: Es ist das Anderswerden, Zum-anderen-und-dessen-Geheimnis-stehn – Liebe zum Menschen ist etwas anderes als Philantropie – Umkehr – dazu scheint es ja noch zuviel Einbahnstraßen zu geben. – Gegenverkehr und Umkehr, das ist zweierlei aber auch auf den Feldwegen scheint es, auch, wenig Gelegenheit dazu zu geben.*”

<sup>22</sup> “*- i – Nicht indem es vom Ärgernis spricht, sondern indem es, unerschütterlich, es selbst bleibt, wird das Gedicht zum Ärgernis – wird es zum Juden der Literatur – Der Dichter ist der Jude der Literatur – Man kann verjuden; das kommt zwar selten vor, geschieht aber zuweilen doch. Ich halte Verjudung für empfehlenswert – Krümmnasigkeit läutert die Seele. Verjudung, das scheint mir ein Weg zum Verständnis der Dichtung, nicht nur der exoterischen.*”

*suggests that “jüdisch” means a specific ethos and describes one of the conditions of possibility of poetry.*

■ **KEYWORDS:** Paul Celan. Judaism. Poetological reflection. German literature.

## Referências

CELAN, P. **Gesammelte Werke in fünf Bänden**. Herausgegeben und kommentiert von Beda Allemann und Stefan Reichert. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983. 3Bd. p. 167-168 e 185-186.

\_\_\_\_\_. **Paul Celan, Franz Wurm**: Briefwechsel. Herausgegeben von Barbara Wiedemann in Verbindung mit Franz Wurm. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.

\_\_\_\_\_. **Arte poética**: O Meridiano e outros textos. Tradução de João Barrento e Vanessa Milheiro, posfácio e notas de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1996.

\_\_\_\_\_. **Der Meridian**: Endfassung, Entwürfe, Materialien. Herausgegeben von Bernhard Böschstein und Heino Schmall. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.

\_\_\_\_\_. **Die Niemandrose**: Historisch-kritische Ausgabe. Herausgegeben von Axel Gellhaus, unter Mitarbeit von Holger Gehle und Andreas Lohr, in Verbindung mit Rolf Bücher. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Mikrolithen sinds, Steinchen**: Die Prosa aus dem Nachlaß. Herausgegeben von kommentiert von Barbara Wiedemann und Bertrand Badiou. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.

FISCHER, G. B.; FISCHER, B. B. **Briefwechsel mit Autoren**. Herausgegeben von Reiner Stach. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.

GELLHAUS, A. Marginalien: Paul Celan als Leser. In: PÖGGELER, O.; JAMME, C. (Org.). **Der glühende Leertext**: Annäherungen an Paul Celans Dichtung. München: Fink, 1993. p. 41-65.

KOELLE, L. **Paul Celans pneumatisches Judentum**. Gott-Rede und menschliche Existenz nach der Shoah. Mainz: Matthias-Grünwald-Verlag, 1997.

\_\_\_\_\_. Paul Celan: Margarete Susman. Der Briefwechsel aus den Jahren 1963-1965. In: SPEIER, H.-M. **Celan-Jahrbuch**, Heidelberg, v. 8, p. 33-61, 2001-2002.

KÖNIG, C. *Give the word*. Zur Kritik der Briefe Paul Celans in seinen Gedichten. **Euphorion**, Heidelberg, v. 97, p. 473-497, 2003.

PAUL ANTSCHEL/PAUL CELAN IN CZERNOWITZ. Bearbeitet von Axel Gellhaus. **Marbacher Magazin**. Sonderheft 90/2000. Marbach am Neckar: Deutsche Schiller-Gesellschaft, 2001.

PEREZ, J. P. **Offene Gedichte**: Eine Studie über Paul Celans “Die Niemandrose”. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2010.

PÖGGELER, O. **Spur des Worts**: Zur Lyrik Paul Celans. München: Karl Alber, 1986.

SCHMUELI, I.; SPARR, T. (Org.). **Paul Celan-Ilana Schmueli**: Briefwechsel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.

SCHULZE, J. Rauchspur und Sefira. Über die Grundlagen von Paul Celans Kabbala-Rezeption. **Celan-Jahrbuch**, Heidelberg, v. 5, p. 193-246, 1993.

Recebido em 30/11/2013

Aceito para publicação em 30/08/2014



